

# Isabella Batalha Muniz

É arquiteta e urbanista

/// O discurso ambiental e a respectiva legislação passaram a atribuir valor e proteção ao mangue

## O mangue e o mar na urbanização de Vitória

As visões diferenciadas do mangue e do mar, ao longo do processo de urbanização de Vitória, apresentaram dilemas e contradições na construção de uma identidade paisagística merecedoras de atenção. A presença de grandes afloramentos de rocha e de tabuleiros de cotas altas limitou a expansão da aglomeração urbana na ilha. Grande parte do território da Capital foi ampliado através de aterros, considerados sob dois prismas: o primeiro

refere-se às áreas obtidas pelos aterros de áreas alagadiças, sobretudo os mangues; e o segundo refere-se às áreas conquistadas ao mar por aterros hidráulicos.

O mangue sempre foi negado no decorrer dos planos de urbanização, especialmente pela política sanitaria, tido como sistema insalubre e que acarretava doenças, o que denota a desvalorização desse ecossistema por parte do poder público e da população em geral, especialmente até meados do

século XX. Por outro lado, as áreas planas junto à orla sempre foram priorizadas na urbanização.

Este processo mostra que a cidade de Vitória ganhou dez quilômetros quadrados, no último século, com áreas aterradas. Deste total, 48,6% correspondiam a manguezais, 30,3% a fundos de baía, enseadas e aterros sob arrecifes, como na ponta do Porto de Tubarão, e 21,1% a áreas aterradas na Baía de Vitória. Entretanto, os maiores aterros foram realizados na década de 70 e 80, na Enseada do Suá bem como na Grande São Pedro.

Apesar de toda interferência antrópica sofrida nas últimas décadas, a Baía de Vitória ainda detém uma das maiores áreas de manguezais do Espírito Santo, com aproximadamente 18 km<sup>2</sup>, repre-

sentando 25,5% dos manguezais de todo o Estado. O estreitíssimo Canal do Lameirão faz comunicação da baía com o Canal da Passagem. Portanto, toda a parte interior da região Noroeste da Baía de Vitória é constituída por exuberante vegetação de mangue.

Nesta área, sujeita a intensa sedimentação, protegida dos ventos, das correntes marinhas, das ondas, vicejam os manguezais. Considerando o modo como a estética evolui na prática social, e que por sua vez, depende da conjugação de variáveis ao longo do tempo, mais recentemente, o discurso ambiental e respectiva legislação passam a atribuir valor e proteção ao mangue que incorpora uma nova simbologia estética, cultural e paisagística, até então negligenciada.